

Diversão & Arte

EXPOSIÇÃO NO CBBB REÚNE 170 OBRAS DE 11 FOTÓGRAFAS PARAENSES EM UMA MONTAGEM QUE PROPÕE UMA IMERSÃO SENSORIAL. NO JARDIM DE ESCULTURAS DA CAIXA CULTURAL, PEÇAS GIGANTES SÃO UM CONVITE A REPENSAR A PAISAGEM

» NAHIMA MACIEL

A fotografia produzida por mulheres da Amazônia tem uma história de mais de cinco décadas que perpassa temáticas e estilos diferentes, capazes de traduzir um universo muitas vezes diluído em uma produção intensa característica da região. Foi para conduzir o olhar para as especificidades dessas imagens e de suas autoras que a curadora Sissa de Assis reuniu, na exposição *Vetores-Vertentes: Fotógrafas do Pará*, em cartaz a partir de amanhã no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), o trabalho de 11 fotógrafas paraenses.

Em 170 obras, o público é convidado a percorrer um circuito que inclui recursos tecnológicos e sensoriais pensados para criar um ambiente de imersão nas temáticas tratadas. Por meio de óculos de realidade virtual, sala dedicada a uma instalação olfativa aromática e até oficinas, a mostra conduz os visitantes pela produção de diversas gerações, desde as pioneiras, que trabalharam, principalmente até nomes que despontaram no cenário da fotografia paraense nos últimos anos, mulheres herdeiras de uma tradição que perpassa a fotografia documental, de viagem, de retrato e de pesquisa.

O recorte proposto por Sissa parte de uma pesquisa em fotografia artística realizada durante os últimos 15 anos e que resultou na tese de doutorado em artes visuais da curadora. “Vim acompanhando essas artistas com um recorte direcionado para a tradição fotográfica feminina que elas representam”, avisa. Há, portanto, nomes consagrados, como Leila Jinkings, Paula Sampaio, Walda Marques, Bárbara Freire e Cláudia Leão, que abrem o caminho para uma geração mais nova, caso de Evna Moura, Deia Lima, Jacy Santos, Nailana Thiely, Renata Aguiar e Nay Jinkns. “Apresento as pioneiras, das décadas de 1970 e 1980. Depois, tem uma segunda geração, inspirada na primeira,

que continuou as temáticas, tipos fotográficos, estilos fotográficos e assinatura fotográfica amazônica. É uma novíssima geração que confirma essa autonomia da arte fotográfica amazônica muito voltada para o universo feminino”, diz Sissa.

É um conjunto que ajuda a ampliar os horizontes e o repertório da fotografia brasileira, organizado de uma maneira interativa que permite ao público explorar, também, os sentidos. Uma sala experimental traz fotografias mais conceituais, híbridas, com registros de performances e outras experimentações. Outra sala, intitulada Açai, sugere um tom mais alegre e festivo, com fotos coloridas. E uma terceira sala é dedicada ao preto e branco, com um conjunto de fotos focado na historicidade amazônica feminina. “É essa ideia da fotografia como permanência da existência amazônica”, explica Sissa.

No pavilhão de vidro, um filme em realidade virtual apresenta um ritual de cura protagonizado pela indígena Mputyra Guajajara. O filme Mukathu’hary, que significa curandeira em guarani, faz parte do acervo do Museu das mulheres, fundado pela curadora. “Esse filme apresenta um recorte desse ritual de cura, traz musicalidade, ritualidade e a presença da cura feminina”, explica.

Para assistir ao filme, o público terá disponível óculos de realidade virtual, equipamento por meio do qual será conduzido pelo cenário de uma oca. Uma parte da exposição será dedicada ao universo aromático, com experiências olfativas e imagens da erveiras do Ver O peso. Uma tradição há décadas no mercado central de Belém (PA), essas mulheres são especialistas em preparar garrafadas e banhos de cheiro. A instalação reúne seis composições aromáticas únicas, cada uma com um cheiro especial de elementos naturais. “Eu queria trazer o cheiro da Amazônia para as pessoas terem a memória olfativa, porque a exposição tem a memória visual e a do toque”, explica a curadora.

VETORES-VERTENTES: FOTÓGRAFAS DO PARÁ

Curadoria: Sissa de Assis. Abertura amanhã, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB Setor de Clubes Esportivos Sul Trecho 2, Lote 22). Visitação até 2 de novembro, de terça a domingo, das 9h às 21h.



Foto de Evna Moura Cavaleiros em cartaz na exposição

Imagem da série Afeto Orgânico, feita por Evna Moura na região metropolitana de Belém



Evna-Moura



Nay Jinkns fotografou mulheres na ilha do Combu, em Belém

Nay-Jinkns



Foto de Leila Jinkings no Caraparu, no Pará

Leila-Jinkings



Nailana Thiely registrou a Fortaleza de São José, no Marajó

Nailana-Thiely



Rodovia Transamazônica em Medicilândia (PA), pelo olhar de Paula Sampaio

Paula-Sampaio

uma floresta povoada por seres de contornos orgânicos distópicos, nascidos do ferro torcido reaproveitado. Não são, diz o autor, o escultor mineiro Leandro Gabriel, formas intencionais. São frutos de desenhos que surgem a partir de diversas inspirações, como a paisagem e a natureza, mas também a arquitetura e a dança. “O que me traz esse tipo de trabalho são várias coisas, desde a arquitetura e o movimento de dança até o mundo onde estou vivendo”, explica o artista, que trabalha com sucata, um material que também influencia o trabalho

da exposição, batizada de *Escultóricas — Poesias da matéria*.

Natural da região de Belo Horizonte, Leandro está acostumado com uma paisagem de montanhas e curvas, duas referências para os trabalhos. “E a questão de trabalhar com ferro é porque venho de uma região que era um grande depósito de sucata, então isso fez com que tivesse acesso mais fácil e que fosse um material abundante. Isso tudo facilita que desenvolva meu trabalho com esse tipo de material”, explica. Com chapas soldadas como se fossem suturas de uma pele em ferro, ele devolve a natureza como se estivesse prestes a devolver à natureza o que foi dela brutalmente retirado. O contraste do material, de

origem dura, e dos contornos fluidos imprime uma característica particular às esculturas. “O ferro é um material muito rígido, mas maleável. E tem uma durabilidade e uma frieza”, repara o artista, que enxerga um sentido poético em dobrar e moldar o ferro para domá-lo como se a natureza falasse mais alto, apesar das interferências humanas. As dimensões das esculturas também chamam a atenção, embora sejam menores do que aquelas às quais o artista está acostumado a trabalhar. Os trabalhos têm, em média, três metros de altura, o que obriga o público a encará-los e, até, a contorná-los, como se transitasse mesmo por uma floresta de ferro.

Formas orgânicas são a base das esculturas de Leandro Gabriel



ESCULTÓRICAS — POESIAS DA MATÉRIA

Exposição de Leandro Gabriel. Curadoria: Léia Lemos. Abertura amanhã, às 17h, no Jardim das Esculturas da CAIXA Cultural Brasília (SBS – Quadra 4 – Lotes 3/4). Visitação até 30 de novembro, de terça a domingo, das 9h às 21h

Estúdio Valente

Estúdio Valente